

## PERFIL DE ATLETAS MINEIRAS PRATICANTES DE ESPORTES COLETIVOS NOS ANOS DE 1997 E 2008\*

*Heidi Jancer Ferreira<sup>1</sup>*  
*José Geraldo do Carmo Salles<sup>2</sup>*

### RESUMO

Este estudo buscou traçar o perfil de atletas mineiras participantes dos Jogos do Interior de Minas (JIMI) em 1997 e em 2008, estabelecendo uma comparação entre os dados encontrados nessas duas edições. Foram aplicados questionários às atletas do sexo feminino, praticantes de futsal, voleibol, basquetebol e handebol, na fase final dos Jogos. A amostra foi composta por 479 informantes. Foi aplicado o teste T para comparação das médias de idade, do tempo de prática esportiva e do número de participações nos JIMI das atletas investigadas em 1997 e em 2008. Foram detectadas diferenças significativas ( $p < 0,05$ ) para essas variáveis. O nível de instrução, o estado civil e a participação em outros tipos de competição foram analisados por meio da distribuição de frequência relativa. O perfil encontrado na maioria das atletas indica que: são mulheres jovens, solteiras, de grau de instrução de nível médio, que praticam esportes há mais de oito anos e participaram de poucas edições dos JIMI. Comparando as duas edições, constatou-se melhoria no nível de instrução das atletas, aumento no tempo de prática esportiva, na idade e no número de participações nos jogos, o que sugere uma elevação do nível competitivo das atletas.

**Palavras-chave:** perfil de atletas, mulheres, esportes coletivos, esporte feminino.

### INTRODUÇÃO

De acordo com Mandell (1986), na Grécia Clássica, da mesma forma como ocorria com as demais manifestações culturais, a

Recebido para publicação em 11/2012 e aprovado em 04/2013.

\*Parte deste trabalho foi apresentada no 13º Congresso Paulista de Educação Física. Financiamento de bolsa de Iniciação Científica PIBIC/CNPQ.

<sup>1</sup>Mestranda em Representações do Movimento Humano - Universidade Federal de Viçosa

<sup>2</sup>Professor do Departamento de Educação Física - Universidade Federal de Viçosa

participação em atividades lúdicas e esportivas era uma prerrogativa exclusivamente masculina. E mesmo após toda sua evolução e expansão para outros países e continentes, o esporte continuou sendo um patrimônio masculino. Para Mandell (1986, p. 202), “el ideal femenino seguía representado por la virtuosa e abnegada ama de casa, de um lado, y por La ‘vampiresa’ de outro”.

No contexto brasileiro, a evolução da participação da mulher no campo esportivo tem sido considerável nos dias atuais. Mas nem sempre foi assim. Na primeira metade do século XX, o País não contava com número significativo de mulheres praticantes de atividades físicas e esportivas de qualquer natureza (OLIVEIRA et al., 2008). A participação esportiva feminina, que hoje parece natural, até bem recentemente foi crivada de entraves dos mais variados aspectos. Havia desde concepções sociais preestabelecidas, que determinavam o perfil de comportamento das mulheres (MOURÃO, 1998), até concepções biológicas, que conceituavam o corpo delas como frágil e incompatível com as características dos esportes, como a agressividade e o contato físico. Através dessa associação, em que se distinguiam quais atividades esportivas eram consideradas mais adequadas à condição feminina, o discurso médico/eugênico transformava o corpo da mulher em objeto de discussão e análise visando ao seu enquadramento, o que levou à elaboração de vários tratados de Educação Física e manuais de eugenia (FARIAS, 2008).

No Brasil, as mulheres chegaram a enfrentar interdições, estabelecidas pelo Conselho Nacional do Desporto – CND: “Às mulheres não se permitirá prática de desportos incompatíveis com as condições de sua natureza, devendo para este efeito o CND baixar as necessidades de instruções às entidades desportivas do país” (BRASIL, 1941). Em 1965, outra deliberação ratificava a proibição: “Não é permitida a prática de lutas de qualquer natureza, futebol, futebol de salão, futebol de praia, polo aquático, polo, rugby, halterofilismo e baseball” (BRASIL, 1965).

Ainda que cerceadas por interdições e proibições, algumas mulheres desafiaram as convenções vigentes, lutaram por sua inserção nos esportes e foram conquistando espaço para mais e mais mulheres. Em 1979, no campeonato sul-americano de judô, Joaquim Mamede, presidente da Confederação Brasileira de Judô, inscreveu mulheres utilizando seus sobrenomes, uma vez que a prática era proibida a elas pelo Decreto nº 7/65. Ele foi descoberto, mas obteve sucesso na

competição. Ao ser chamado para prestar esclarecimentos, ele levou as meninas de quimono com as suas medalhas no peito, fato que futuramente contribuiu para a revogação dessa proibição através da Deliberação nº 10 em 1979 (OLIVEIRA et al., 2008). Dessa forma, por meio de transgressões, provações, mas também por meio de concessões masculinas, as mulheres foram se inserindo nos esportes.

Após o ano de 1980, com o aumento da participação de mulheres em eventos esportivos internacionais e com a conquista de resultados expressivos das equipes femininas brasileiras, como, por exemplo, medalhas de ouro no atletismo (100 m), de prata e bronze no judô, de bronze no basquetebol, na ginástica artística e no tiro com arco nos Jogos Pan-Americanos de 1983<sup>3</sup>, a prática esportiva feminina foi se consolidando e obtendo maior aceitação.

A participação das brasileiras nos esportes ganhou um pouco mais de visibilidade devido aos resultados nos Jogos Olímpicos de Atlanta (1996), nos quais elas subiram ao pódio na posição mais elevada pela primeira vez com o voleibol de praia; também foi o ano em que o futebol feminino teve sua estreia olímpica (DEVIDE, 2002).

Atualmente, o número de mulheres que participam dos Jogos Olímpicos é similar ao dos homens. Nos últimos Jogos de Pequim, em 2008, competiram 4.637 mulheres e 6.305 homens, correspondendo a 42% do total de atletas. A delegação do Brasil foi composta por 133 mulheres e 144 homens, o que representa 48% dos competidores brasileiros (Site do COI<sup>4</sup>; Site do COB<sup>5</sup>).

Em Minas Gerais, quarto maior estado em extensão territorial e segundo mais populoso do Brasil, há um evento esportivo que é promovido anualmente pelo governo estadual: os Jogos do Interior de Minas (JIMI). Nessa competição, a participação feminina apresenta números equivalentes aos da masculina. Os JIMI consistem no evento esportivo amador de maior repercussão de Minas Gerais. Trata-se da maior e da mais tradicional competição promovida pelo governo do Estado. A edição de 2008 reuniu mais de 13 mil atletas de mais de 200 cidades. Os JIMI também desempenham um importante papel seletivo e estimulador para todos os atletas, uma vez que a equipe campeã de cada modalidade conquista o direito de representar o Estado nos Jogos Abertos Brasileiros – uma competição de nível nacional.

<sup>3</sup> Disponível em: <[http://www.cob.org.br/brasil\\_jogos/home.asp](http://www.cob.org.br/brasil_jogos/home.asp)>.

<sup>4</sup> Disponível em: <<http://www.olympic.org/beijing-2008-summer-olympics>>.

<sup>5</sup> Disponível em: <[http://www.cob.org.br/brasil\\_jogos/edicao\\_interna.asp?id=62](http://www.cob.org.br/brasil_jogos/edicao_interna.asp?id=62)>.

Entre os participantes da edição de 2004, 49,8% eram mulheres (SEEJ, 2009). Inclusive, pode-se constatar que em esportes que outrora eram praticados apenas por homens, como é o caso do futsal, a presença feminina foi semelhante à masculina (47%) sendo que o futsal feminino entrou no programa dos JIMI somente em 1997.

Nesse contexto, a presente investigação teve como foco de estudo o esporte feminino no Estado de Minas Gerais – Brasil e, como principal objetivo, identificar e apresentar o perfil das atletas mineiras participantes dos JIMI nos anos de 1997 e 2008, nas modalidades de basquetebol, futsal, handebol e voleibol, possibilitando estabelecer uma comparação entre os perfis encontrados nessas duas edições dos Jogos.

## **PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS**

Esta pesquisa caracterizou-se por ser do tipo descritiva e por empregar uma abordagem quanti-qualitativa.

Os dados deste estudo foram coletados na fase final dos Jogos do Interior de Minas – JIMI, em duas edições diferentes. Foi realizada a primeira aplicação de questionários em 1997, na cidade de Governador Valadares, e a segunda, no ano de 2008, em Ipatinga.

As atletas foram informadas sobre os objetivos da pesquisa, sendo a participação delas de forma voluntária e anônima.

### **Amostra**

A amostra foi composta por atletas do sexo feminino, praticantes das modalidades de futsal, voleibol, basquetebol e handebol. Participaram da pesquisa em 1997 um total de 217 atletas e 262 em 2008, somando 479 informantes.

### **Instrumento**

O instrumento de pesquisa utilizado foi um questionário elaborado pelos próprios pesquisadores. Ele foi composto de três partes, incluindo questões abertas e fechadas, o que possibilitou diversas análises sobre o perfil das atletas, a visão delas sobre preconceitos presentes nas práticas esportivas femininas e o processo de veiculação e participação delas nos esportes.

O questionário utilizado foi o mesmo nas duas edições dos JIMI, e na última coleta foi incluída uma questão.

Neste artigo, vamos nos ater à primeira parte do questionário, que visava conhecer o perfil das atletas através de informações como idade, grau de instrução, estado civil, tempo de prática da modalidade, número de participações nos JIMI e quais outras competições elas já haviam participado.

### **Análise estatística**

Os dados foram tabulados no programa estatístico SPSS for Windows versão 15.0, adotando-se o nível de significância  $p < 0,05$ . A análise empregou estatística descritiva, com a determinação de frequências relativas e medidas de desvio-padrão, média, valor mínimo e valor máximo. Para as variáveis de idade, tempo de prática esportiva e número de participações nos JIMI, foi feita a comparação de médias através do teste T de Student.

## **APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS**

A média, o desvio-padrão, o valor mínimo, o valor máximo e a significância do teste de comparação das médias das idades das atletas estão indicados na Tabela 1.

**Tabela 1** - Comparação das médias das idades (em anos) das atletas entre os anos de 1997 e 2008

	Valor mínimo	Valor máximo	Média	DP	P
1997	14	40	20,73	5,87	0,039
2008	16	47	21,56	5,17	

Fonte: Dados próprios. DP = desvio-padrão. P = valor P. \* Diferença estatística significativa.

A idade das atletas em 1997 variou de 14 a 40 anos. Em 2008, não houve atletas com faixa etária inferior a 16 anos, isso porque o regulamento dos JIMI passou a estipular como requisito para participar da competição a idade mínima de 16 anos, diferentemente do regulamento adotado em 1997, que permitia a inscrição de atletas acima de 14 anos (MINAS GERAIS, 1997, 2008).

Ao se fazer a comparação das médias das idades das atletas de 1997 e 2008, encontrou-se um resultado estatisticamente significativo para um nível de significância de 5%, sendo  $T = -2,075$  e  $P = 0,039$ .

O grau de instrução das atletas foi analisado por meio da distribuição de frequências, conforme apresentado na Tabela 2.

**Tabela 2** - Distribuição de frequência relativa do grau de instrução das atletas em 1997 e 2008

<i>Grau de instrução</i>	<i>JIMI 1997</i>	<i>JIMI 2008</i>
Fundamental	25,8%	2,7%
Médio	53,5%	59,1%
Superior	20,7%	38,2%

Fonte: Dados próprios.

Verifica-se que houve grande mudança no nível de instrução das atletas entre os dois anos estudados. O aumento da participação de atletas com grau de instrução de ensino superior e a redução de informantes de nível escolar fundamental indicam uma melhoria considerável no nível educacional das atletas participantes.

Na Tabela 3 são apresentados os resultados encontrados em relação ao estado civil das atletas participantes da pesquisa.

**Tabela 3** - Distribuição do estado civil das atletas em 1997 e 2008

<i>Estado civil</i>	<i>JIMI 1997</i>	<i>JIMI 2008</i>
Solteira	94%	90%
Casada	5,5%	9,2%
Divorciada	0,5%	0,8%

Fonte: Dados próprios.

Nota-se que, tanto nos JIMI em 1997 quanto em 2008, a grande maioria das atletas se declarou solteira. Houve pequeno aumento da participação de mulheres casadas, mas que ainda representam a minoria do total das praticantes.

Buscou-se também conhecer há quanto tempo as atletas praticam a modalidade de disputa nos Jogos. Os dados obtidos estão demonstrados na Tabela 4. O valor máximo do tempo de prática esportiva das atletas participantes em 2008 (35 anos) foi superior ao encontrado em 1997 (30 anos), sugerindo o aumento da participação

de atletas mais experientes. Comparando as médias dos tempos de prática esportiva das atletas de 1997 e 2008, constatou-se uma diferença significativa. Assim, com um resultado de  $T = -3,507$  e  $P = 0,000$ , há evidência estatística de que as atletas de 2008 praticam a modalidade há mais tempo que aquelas investigadas em 1997.

**Tabela 4** - Comparação das médias do tempo de prática esportiva (em anos) das atletas entre os anos de 1997 e 2008

	Valor mínimo	Valor máximo	Média	DP	P
1997	1	30	7,08	5,82	0,000*
2008	1	35	8,66	5,30	

Fonte: Dados próprios. DP = desvio-padrão. P = valor P. \* Diferença estatística significante.

Além do tempo de prática esportiva, o número de participações em competições também indica o nível de experiência das atletas. Na Tabela 5 são apresentados os valores mínimos e máximos, a média e desvio-padrão do número de participações nos JIMI e o valor P para o teste T de comparação entre as médias obtidas em 1997 e 2008.

**Tabela 5** - Comparação das médias do número de participações das atletas nos JIMI entre os anos de 1997 e 2008

	Valor mínimo	Valor máximo	Média	DP	P
1997	1	14	3,19	3,08	0,000*
2008	1	23	4,19	3,38	

Fonte: Dados próprios. DP = desvio-padrão. P = valor P. \* Diferença estatística significante.

Em 2008, o valor máximo do número de participações nos JIMI foi bem superior ao encontrado em 1997. Além disso, a média encontrada em 2008 foi estatisticamente maior que a média obtida em 1997, com  $T = -3,609$  e  $P = 0,000$ .

A pergunta sobre a participação das atletas em outros tipos de competição foi incluída no questionário na coleta de dados realizada em 2008, não sendo possível, portanto, a comparação dessa variável entre as duas edições. A distribuição de percentuais é demonstrada na Tabela 6.

**Tabela 6** - Participações das atletas dos JIMI 2008 em outros tipos de competição

<i>Tipos de competições</i>	<i>N</i>	<i>% do total de atletas (262)</i>
Jogos escolares	217	82,8%
Jogos universitários	96	36,6%
Jogos mineiros	198	75,6%
Jogos brasileiros	103	39,3%
Jogos sul-americanos	11	4,2%
Jogos mundiais	11	4,2%
Jogos abertos em outros estados	104	39,7%

Fonte: Dados próprios.

Constata-se que a grande maioria das informantes já participou de competições escolares e estaduais; aproximadamente 40% delas já competiram em jogos nacionais; e somente poucas já estiveram em eventos esportivos de nível internacional.

## DISCUSSÃO

Os JIMI envolvem em sua maioria atletas muito jovens. Essa característica já era esperada e pode ser explicada principalmente por dois fatores. Primeiramente, os Jogos ocorrem em três etapas, sendo cada uma realizada em uma cidade diferente, com duração aproximada de cinco dias. Portanto, para participar da competição, a atleta precisa ter disponibilidade para viagens. Para atletas de idade mais avançada, que geralmente possuem maior número de compromissos com trabalho e vida doméstica, torna-se mais difícil participar dos treinamentos e se ausentar para as competições. Em segundo lugar, os JIMI são jogos de caráter amador, nos quais as atletas, em sua maioria, não são remuneradas pela participação. Desse modo, a presença de jogadoras mais experientes fica comprometida.

Um estudo feito por Santana e Reis (2003) com atletas de futsal feminino paranaenses encontrou idade média de 20,55 anos (DP = 4,77), similar às médias de idade encontradas em nosso trabalho, o que indica que a predominância de atletas jovens não ocorre apenas em um Estado brasileiro.

Em relação ao grau de instrução das atletas, notamos que após o intervalo de 1997 a 2008 houve grande aumento do nível de

escolaridade das informantes. Uma pesquisa de Bruschini e Puppini (GOMES, 2008) mostrou que, a partir dos anos 1980, cresceu a presença de algumas tendências inovadoras, como a conquista de bons empregos, boas ocupações e acesso a profissões de nível superior, por parte de mulheres escolarizadas. O acesso ao ensino superior passou a ser necessário com as mudanças dos mecanismos de seleção econômicos e a ser massificado, principalmente após o surgimento de políticas de financiamentos de estudos a partir de 2005 com a Lei nº 11.096, de criação do ProUni – Programa Universidade para Todos. A redução do percentual de atletas de nível fundamental pode também estar relacionada à mudança do regulamento dos Jogos, que passou a exigir a idade mínima de 16 anos como requisito para participação. Normalmente, nessa faixa etária, a estudante já está cursando o ensino médio.

As atletas, em quase sua totalidade, se declararam solteiras. As mulheres solteiras possuem maior disponibilidade para se dedicar a atividades esportivas. Conforme Carrera et al. (2001 apud MENDA, 2004), apesar da ampliação do número de mulheres no mercado de trabalho, a função da mulher de cuidar da casa e dos filhos não sofreu mudanças significativas. As mulheres, sobretudo as casadas e mães, não vivenciam o tempo do trabalho e do não trabalho, já que elas desempenham uma dupla-jornada. Nelson e Burke (2000 apud MENDA, 2004) encontraram em uma pesquisa que a dupla jornada da mulher equivale, em tempo, a 720 horas a mais de trabalho por ano. Nesse sentido, como as mulheres casadas ou com filhos precisam conciliar casa e trabalho, somente as solteiras ou as sem filhos têm maiores chances de dedicar tempo às atividades esportivas e ao lazer.

As atletas pesquisadas são muito jovens, porém elas já praticam esportes há bastante tempo. Ao longo desses 11 anos, houve aumento na participação de atletas com maior tempo de prática esportiva, concomitantemente com a redução do envolvimento de atletas menos experientes, revelando uma tendência para a elevação do nível competitivo do esporte amador.

É importante considerar que, se atletas tão jovens já possuem muitos anos de prática, isso significa que elas tiveram sua iniciação esportiva quando crianças, por volta dos sete aos onze anos de idade. Isso aponta a necessidade de proporcionar a prática esportiva no âmbito escolar para as meninas, principalmente nessa faixa etária. Santana e

Reis (2003) constataram que a adolescência foi o período da vida em que a maior parte das atletas (62,8%) iniciou-se na prática sistemática do futsal, em média, aos 13,69 anos (DP = 3,18); que o tempo de prática esportiva médio era de 6,95 anos (DP = 3,18); e que 46,4% das informantes tiveram a escola como principal ambiente de iniciação esportiva.

O fato de a escola constituir espaço para a iniciação esportiva de crianças ressalta a importância de existirem propostas pedagógicas para a aprendizagem das modalidades esportivas em sua amplitude de conteúdo, sem restrições e especificações a apenas um tipo de esporte. As aulas de Educação Física constituem, por excelência, um importante espaço de aproximação do aluno com a cultura do movimento, devendo, portanto, cumprir seu papel de apresentar e despertar nas crianças as inúmeras possibilidades de práticas esportivas. No âmbito acadêmico, essa necessidade já tem sido intensamente debatida e existem propostas teóricas, como a de “Ensino-aprendizagem-treinamento de jogos esportivos coletivos”, por Juan Greco (2002). Contudo, ainda é preciso que essas propostas extrapolem a discussão acadêmica, alcancem os professores de Educação Física e sejam realmente concretizadas na práxis escolar, para que de fato se efetive a proposta governamental de se transformar o Brasil em uma potência olímpica.

Os resultados encontrados indicaram a maior participação de atletas mais experientes. Entretanto, apesar de muitos anos de prática esportiva, as atletas participaram de poucas edições dos JIMI. Isso pode ser explicado pelo fato de que elas iniciaram muito novas e precisaram completar 16 anos para se inscrever na competição. Contudo, de 1997 para 2008, aumentou o número médio de participações nos JIMI, contribuindo também para o aumento da competitividade nos jogos.

A grande maioria das informantes, em 2008, alegou já ter participado de jogos escolares, o que endossa a ideia de que o principal espaço de iniciação esportiva das atletas é a escola. Em eventos de maior nível competitivo, o percentual de participação cai, o que já era esperado por se tratar de atletas amadoras. Ainda assim, 40% delas já estiveram em jogos nacionais e abertos em outros Estados, números que ratificam o aumento do nível de experiência esportiva das atletas que estão participando dos Jogos.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Por meio deste estudo, foi possível identificar o perfil das atletas mineiras praticantes de esportes coletivos. Em resumo, o perfil encontrado indica que: são mulheres jovens, solteiras, de grau de instrução de nível médio, que praticam esportes há mais de oito anos e participaram de poucas edições dos JIMI.

Comparando o perfil das atletas de 1997 com o das de 2008, verificou-se aumento acentuado do nível de instrução, do tempo de prática esportiva e do número de participações nos JIMI. Essas alterações indicam a melhoria do nível competitivo dessas mulheres e, conseqüentemente, dos próprios Jogos.

Contudo, essas atletas ainda carecem de patrocínios e incentivos financeiros para que possam participar de diferentes níveis de competição, de treinamentos regulares e possam contar com uma equipe técnica e material de treinamento adequado. Apesar dos avanços, alguns fatores ainda permanecem classificando a prática esportiva feminina como secundária em relação à do homem, fazendo com que ela receba menores investimentos. Por exemplo, podemos observar as cotas de participação e premiação inferiores que as mulheres recebem nos eventos esportivos. Além disso, elas ainda não têm igualdade de oportunidade com os homens para assumirem posições de comando na mídia, administração e treinamento do esporte. Dessa forma, as atividades esportivas femininas ainda estão submetidas à lógica dos interesses masculinos.

## **ABSTRACT**

### **MG FEMALE ATHLETES' PROFILE WHO PRACTICE TEAM SPORTS IN THE YEARS FROM 1997 AND 2008**

This study aimed to outline the profile of MG female athletes participants of Games of the Interior of Minas (JIMI) in 1997 and in 2008, establishing a comparison between the data found in these two editions. We applied questionnaires to female athletes, who practice futsal, volleyball, basketball and handball in the final phase of the Games. The sample consisted of 479 informants. It was applied the T-test to compare mean age, time of sports practice and the number of

participations in JIMI of athletes investigated in 1997 and 2008. Significant differences ( $p < 0.05$ ) for these variables were detected. The level of education, marital status and participation in other types of competition were analyzed through relative frequency distribution. The profile found in most of athletes indicates that: they are young women, single, high school education level, who practice sports for over eight years and have participated in few editions of JIM. Comparing the two edition, there was improvement in the education level of athletes, increase in time of sports practice, age and number of participations in the games, what suggests an increase in competitive level of athletes .

**Keywords:** female athletes' profile, women, team sports, female sport.

## REFERÊNCIAS

BRASIL, Conselho Nacional de Desportos – Deliberação nº 07 de 1965. Brasília – DF, 1965.

BRASIL. Decreto Lei nº 3199 de 14 de abril de 1941. Estabelece as bases de organização dos desportos em todo o país. **Diário Oficial da União**. Rio de Janeiro, 1941.

COMITÊ OLÍMPICO BRASILEIRO. **O Brasil nos Jogos**. Disponível em: <[http://www.cob.org.br/brasil\\_jogos/home.asp](http://www.cob.org.br/brasil_jogos/home.asp)>. Acesso em: 15 ago. de 2009.

DEVIDE, F. P. História das mulheres nos Jogos Olímpicos Modernos. In: TURINI, M.; DaCOSTA, L. (Org.). **Coletânea de textos em Estudos Olímpicos**. Fórum Olímpico. Rio de Janeiro: Editora Gama Filho, 2002. Vol 2. p. 291 – 321.

FARIAS, C. M. **Projeção e emancipação das mulheres brasileiras no esporte, 1932-1968**. Trabalho apresentado no 13º Encontro de História ANPUH-Rio, Rio de Janeiro, 2008.

GOMES, E. M. P. **A participação das mulheres na gestão do esporte brasileiro: desafios e perspectivas**. Rio de Janeiro: Quartet, FAPERJ, 2008.

GRECO, P. J. **O ensino-aprendizagem-treinamento dos esportes coletivos: uma análise inter e transdisciplinar**. 2002.

MANDELL, R. D. **Historia cultural del deporte**. Barcelona: Ediciones Belaterra, 1986.

MENDA, P. B. **Análise da dicotomia sofrimento e prazer na função gerencial feminina**. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.

MINAS GERAIS. **Regulamento Geral JIMI/1997**. Belo Horizonte: Secretaria de Estado de Esporte, 1997.

MINAS GERAIS. **Regulamento Geral JIMI/2008**. Belo Horizonte, Secretaria de Estado de Esporte, 2008.

MOURÃO, L. A formação corporal da mocidade feminina no Rio de Janeiro do século XIX. Representação de João da Matta Machado. In: VOTRE, S. J. (Org.). **Representação social do esporte e da atividade física: ensaios etnográficos**. Brasília: Ministério da Educação e do Desporto/INDESP, 1998. p.119-132.

OLIVEIRA G.; CHEREM E. H. L.; TUBINO M. J. G. A inserção histórica da mulher no esporte. **Revista Brasileira Ciência e Movimento**, v. 16, n. 2, p. 117-125, 2008.

SANTANA, W. C.; REIS, H. H. B. Futsal feminino: perfil e implicações pedagógicas. **Revista Brasileira Ciência e Movimento**, v. 11, n. 4, p. 45-50, 2003.

SECRETARIA DO ESTADO DE ESPORTES DA JUVENTUDE. Números do JIMI. Disponível em: <<http://www.jimi.mg.gov.br/site/pagina.php?id=18#>>. Acesso em: 18 ago. 2009.

#### **Endereço para correspondência:**

Rua dos Estudantes, 90/32, Centro  
36570-000 Viçosa – MG

Departamento de Educação Física - Universidade Federal de Viçosa  
Campus universitário, s/n, Campus  
36570-000 - Viçosa – MG